

Artigos de Revisão

Trocando ideias sobre danças urbanas na Educação Física escolar¹

Exchanging ideas about urban dances in school Physical Education

Intercambio de ideas sobre las danzas urbanas en la Educación Física escolar



João Victor Cruz Beija

Secretaria de Educação e Esportes (SEE-PE), Recife, Pernambuco, Brasil
rjvcdf@gmail.com



Adriana Martins Correia

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil
adrianacorreia@id.uff.br



Lívia Tenorio Brasileiro

Universidade de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil
livia.brasileiro@upe.br

Resumo: O artigo apresenta reflexões sobre a inserção das Danças Urbanas como conteúdo da Educação Física escolar, reconhecendo sua ampla popularidade entre a juventude e sua relação com a cultura Hip-Hop. Tem como objetivos: reconhecer as Danças Urbanas em sua historicidade no contexto sociopolítico; mapear e analisar as produções sobre Danças Urbanas no Brasil e discutir suas relações com a Educação Física. Trata-se de uma revisão bibliográfica, mapeando estudos que foram categorizados em cinco temáticas. Identificamos que a área possui uma tímida aproximação com as Danças Urbanas, tematizando desde a formação inicial até a prática pedagógica.

Palavras-chave: danças urbanas; educação física; escola.

¹ O presente estudo é fruto de Dissertação Mestrado em Educação Física (Beija, 2020), e contou com bolsa Capes para sua realização.

Abstract: This article presents reflections about the insertion of Urban Dances as content in school Physical Education, recognizing its wide popularity among youth and its relationship with Hip-Hop culture. Its objectives are to recognize the Urban Dances in their historicity and sociopolitical context; map and analyze the productions about Urban Dances in Brazil; and discuss its relations with Physical Education. This is a bibliographic review, mapping studies that were categorized into five themes. We identified that the area has a timid approach to Urban Dances, thematizing from initial training up to the pedagogical practice, pointing to the need to discuss, in future studies, whether this movement is already expressed in the field of intervention of school Physical Education.

Keywords: urban dances; physical education; school.

Resumen: El artículo presenta reflexiones sobre la inserción de las Danzas Urbanas como contenido de la Educación Física escolar, reconociendo su amplia popularidad entre los jóvenes y su relación con la cultura Hip-Hop. Sus objetivos son: reconocer las Danzas Urbanas en su historicidad y contexto sociopolítico; mapear y analizar las producciones sobre Danzas Urbanas en Brasil; y discutir sus relaciones con la Educación Física. Se trata de una revisión bibliográfica, mapeando estudios que fueron categorizados en cinco temas. Identificamos que el área tiene una tímida aproximación con las Danzas Urbanas, tematizando desde la formación inicial hasta la práctica pedagógica.

Palabras clave: danzas urbanas; educación física; escuela.

Submetido em: 22/11/2023

Aceito em: 22/10/2024

1 Introdução

O presente artigo apresenta reflexões sobre a inserção das Danças Urbanas como conteúdo das aulas de Educação Física escolar. A opção por este tema possui respaldo na sua ampla popularidade entre as juventudes, considerando o convívio destes grupos com as danças e com os demais elementos que fazem parte da cultura Hip-Hop, seja em função de suas relações diretas com a mesma, ou por meio dos conteúdos massificados na internet, atingindo jovens de diferentes classes sociais.

O estudo busca realizar uma revisão de literatura sobre as Danças Urbanas e sobre as suas relações com o campo da Educação Física. Consideramos que uma discussão feita com base na produção científica dessa temática favorece a compreensão da sua presença no cotidiano das juventudes, no interior da escola e de uma possível inserção na organização dos saberes curriculares por parte dos/as professores/as da área.

Logo, cabe também neste momento apresentar os fundamentos epistemológicos que norteiam a escolha desse tema. Primeiramente, partimos do pensamento de Sacristán (2000, p. 35) quando destaca que o currículo escolar é uma seleção de conteúdos culturais e que é “selecionado dentro de um campo social”.

As Danças Urbanas podem ser consideradas um saber que se situa em um espaço-tempo que faz parte do campo social no qual as juventudes estão presentes como construtoras/consumidoras desse fenômeno cultural, pois, segundo Dayrell (2001, p. 1):

O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões, assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca.

Assim, a justificativa social que baliza a escolha desse tema se dá por entendermos que uma cultura que possui laços com as juventudes e que está em constante transformação torna-se um espaço privilegiado para a organização de um trabalho pedagógico responsável “[...] por este processo de humanização do homem pela educação” (Titton, 2006, p. 27).

Tratando da questão relacionada à seleção e organização dos conteúdos no trabalho docente, Tardif (2010, p. 37) explica que “[...] o novo surge e pode surgir do antigo exatamente porque o antigo é reatualizado constantemente por processos de aprendizagens”. Logo, não se trata de excluir os conteúdos antigos e sim abrir novas possibilidades para o trabalho com os conteúdos considerados clássicos e as manifestações contemporâneas.

Sobre isso, observamos uma relação com Saviani (2012, p. 13), que destaca os elementos culturais que precisam ser assimilados na escola:

O clássico não se confunde com o tradicional e também não se opõe, necessariamente, ao moderno e muito menos ao atual. O clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial. Pode, pois, constituir-se num critério útil para a seleção dos conteúdos do trabalho pedagógico.

Quando falamos em seleção e organização dos saberes escolares, estamos tratando de currículo. Souza Júnior (2007, p. 71) destaca, com base em Jean Forquin, uma compreensão de currículo que o visualiza, em um sentido geral, como uma:

[...] dimensão cognitiva e cultural do ensino, ou seja, seus saberes, objetivos, competências, símbolos e valores, sendo fruto de uma seleção da cultura, destinada a ser transmitida às novas gerações, mas que precisa tornar-se assimilável, expressando sempre conflitos, contradições, rejeição, consentimentos, mediação e negociação diante das relações de poder.

Assim, com base nessa compreensão, podemos realizar uma reflexão acerca do currículo como um espaço onde os seus saberes não estão engessados, mas, sim, em constante tensão entre o que já se consolidou, como saberes clássicos, e os saberes que estão ou podem estar sendo negados/negligenciados, em função das relações de poder entre estudantes, professores/as e entidades educacionais.

As Danças Urbanas se inserem nesse processo de disputa por legitimação como um saber a ser selecionado e tratado pedagogicamente pela Educação Física escolar. Acreditamos na relevância da seleção deste conteúdo, inscrito como manifestação contemporânea de uma cultura popular, afrodispórica, protagonizada por juventudes que se forjam a partir dos processos de urbanização.

2 Metodologia

Para o desenvolvimento desta pesquisa optamos por uma abordagem qualitativa, pois este caminho nos auxilia a responder às nossas inquietações com base na coleta e análise dos dados, bem como gerar novas possibilidades investigativas. Partindo desse pressuposto, na intenção de reconhecer as Danças Urbanas em sua historicidade e no contexto sociopolítico, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica utilizando como referencial os materiais elaborados sobre a cultura Hip-Hop e as Danças Urbanas, principalmente livros e artigos científicos. Neste processo, encontramos trabalhos nas áreas de Comunicação Social (Rocha; Domenich; Casseano, 2001; Cazé; Oliveira, 2008), Sociologia (Costa, 2005), Educação (Magro, 2002; Gutsack, 2004; Matsunaga, 2006; Pires, 2009) Psicologia (Amaral, 2011), Antropologia (Silva, 2012), Educação Física (Ávila; Oliveira; Pereira, 2005; Reckziegel; Stigger, 2005; Valderramas, 2009), dentre outros, que nos permitiram escrever sobre a gênese do movimento Hip-Hop e seu contexto sociopolítico.

Em um segundo momento, para atender aos objetivos de mapear e analisar as produções sobre Danças Urbanas no Brasil e discutir suas relações com a Educação Física, realizamos um mapeamento das produções no formato de artigos, dissertações e teses, disponíveis no *Scientific Electronic Library Online – SciELO*², na base de Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde – LILACS³ e no *Google Acadêmico*⁴, com o objetivo de ampliarmos o nosso referencial teórico.

Para tanto, definimos como critérios de inclusão: produções disponíveis *on-line* na íntegra para *download*; disponíveis em português; e que tenham uma das palavras-chave e/ou descritores da presente pesquisa. Como critérios de exclusão, definimos a indisponibilidade do trabalho nas mídias digitais, como arquivos corrompidos ou ausentes nas ferramentas de busca. Não utilizamos recorte temporal, sendo consideradas todas as produções encontradas, a partir das palavras-chave e/ou descritores: Danças Urbanas, Dancehall, Hip-Hop e Dança de Rua.

Na primeira busca no SciELO identificamos 16 produções, 22 produções no LILACS e 13 no *Google Acadêmico*. Nestas 51 produções, 38 eram artigos, 9 eram dissertações e 4 eram teses. Considerando o último item de nosso objetivo, a respeito de entender como têm sido desenvolvidas as aproximações entre a Educação Física e as Danças Urbanas, identificamos na revisão sistemática os trabalhos que estão situados no campo da Educação Física e que tratam especificamente das Danças Urbanas ou um de seus estilos, sendo reunidos para análise 7 estudos.

Com base nessa delimitação, selecionamos os trabalhos de Alves (2007), Valderramas (2008), Valderramas e Hunger (2009), Souza (2010), Cardoso *et al.* (2011), Tomio *et al.* (2014), Correia,

2 Scientific Eletronic Library Online é uma biblioteca digital de livre acesso de publicação de periódicos brasileiros, lançada em 1997.

3 LILACS – Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde é uma base de dados que abrange toda a informação bibliográfica em Ciências da Saúde publicados pelos/as autores/as da região.

4 O Google Acadêmico é uma ferramenta de pesquisa que permite pesquisar trabalhos acadêmicos, literatura em geral e artigos científicos. Recorremos ao mesmo frente à baixa localização de produções nas bases Scielo e Lilacs.

Silva e Ferreira (2017), considerando estes como pertencentes à produção do conhecimento da Educação Física e que tematizam as Danças Urbanas.

3 Um papo reto sobre Danças Urbanas: contextualização

A gênese do movimento Hip-Hop está interligada ao contexto social, político e cultural vivido pelos Estados Unidos no final da década de 1960, especialmente relacionada aos acontecimentos no bairro do Bronx, em Nova York. As remoções, o racismo, as drogas, a violência e a luta pelos direitos civis eram a tônica da realidade da população afro-americana, latina e caribenha nesse período (Gustsack, 2004, p. 37).

No plano econômico, as classes sociais menos favorecidas nos Estados Unidos sofreram com os desdobramentos da mudança do regime econômico vigente. Chegava ao fim a “Era de Ouro”⁵, que trouxe repercussões de ordem política e social e de uma maneira extremamente veloz. Para além dessa conjuntura econômica, política e social dos Estados Unidos da América (EUA), outros processos contribuíram para colocar em evidência os problemas das massas de jovens, trabalhadores/as e imigrantes, como a ampliação e radicalização da luta pelos Direitos Civis.

Nestas lutas despontaram algumas lideranças políticas, que possuíam diferentes concepções de movimento social, ou seja, viam caminhos distintos para atingir a conquista de suas reivindicações. Martin Luther King⁶, Malcolm X⁷ e lideranças do Partido dos Panteras Negras⁸ ganharam ampla notoriedade.

5 Sobre essa Era de Ouro, Netto e Braz (2006) destacam que essa ilusão chegou ao fim em meados da década de 1970. Para um maior aprofundamento, sugerimos a leitura do livro *Economia Política: uma introdução crítica*.

6 Martin Luther King (1929 - assassinado em 1968) foi um pastor e ativista que lutou pelos direitos civis da comunidade afro-americana dos Estados Unidos. Sua ação política era pautada no amor ao próximo e no princípio da não-violência.

7 Al Hajj Malik Al-Shabazz, mais conhecido como Malcolm X (1925 - 1965), foi um ativista defensor dos direitos civis da comunidade afro-americana nos Estados Unidos, assassinado quando tinha apenas 39 anos de idade.

8 “Liderados por Huey Newton e Bobby Seale, o Partido dos Panteras Negras foi o primeiro partido majoritariamente negro dos EUA. Com ideias socialistas e nacionalistas, o grupo foi fundado em 1966 em Oakland, Califórnia, patrulhava os guetos periféricos para proteger a comunidade negra da violência policial dos brancos, como um destacamento de autodefesa comunitária” (BEIJA, 2017, p. 30).

Com a morte de Martin Luther King, em 1968, o movimento negro pelos direitos civis sofreu um grande golpe. Setores dos órgãos de inteligência, como o FBI e a polícia, de forma geral, atuaram para desmobilizar os protestos que eclodiram por todo o país. Porém, essa experiência mostrou que a comunidade afro-americana deveria continuar apostando em possibilidades de criar suas próprias organizações (Gustsack, 2004, p. 38).

Nesse meio tempo, em Nova York, começaram a surgir as bases para o que viria a ser denominado cultura Hip-Hop. Não existe um consenso na literatura nacional e internacional sobre a origem ou a tradução oficial do termo Hip-Hop para a língua portuguesa. Porém, a versão mais difundida é em relação a dois movimentos: Movimentar os quadris (*to hip*) e saltar (*to hop*).

Apesar de ter sido um movimento cultural construído por muitas pessoas, duas personalidades ganham notoriedade nesse processo: os DJs de origem jamaicana, Kool Herc e Afrika Bambaataa. O primeiro trouxe ao Hip-Hop a ideia das *block parties*, as festas de bairros que aconteciam mediadas pela energia da música de aparelhagens de som, chamadas de *soundsystem*.

Já Afrika Bambaataa se engajou na construção da cultura Hip-Hop, promovendo festas onde, exercendo a função de DJ, estimulava disputas⁹ artísticas entre os grupos de jovens, como alternativa às disputas das gangues. Assim, os elementos da cultura Hip-Hop agitavam as festas, com batalhas de *Break* ou concursos de *emcees*, embalados pelos *beats* que o DJ soltava nos *soundsystems* (Gustsack, 2004; Souza, 2010).

Importante destacarmos que existe uma relação de interdependência entre os elementos constitutivos da Cultura Hip-Hop, tradicionalmente identificados como Rap, Grafitti, DJ e *Break* (Dança). Em suas concepções fundantes, a cultura Hip-Hop apresenta estes elementos de forma integrada, considerando que os espaços das festas congregavam dançarinos, DJs, rappers e artistas do grafite.

⁹ "A saída pela arte foi uma importante resposta dos/as jovens marginalizados/as para uma sociedade que ainda não conseguia resolver os prejuízos raciais após a aprovação das leis pelos direitos civis para os afro-americanos em 1965" (GARCIA, 2014, p. 28).

Uma parte expressiva das narrativas tratam do surgimento da cultura Hip-Hop no Brasil, destacando o Rap como o “carro-chefe” entre os elementos e colocando a música como o elemento que consolidou esse fenômeno cultural, já que o Rap ganhou uma maior projeção na mídia, principalmente na década de 1990. Porém, há registros que evidenciam que as primeiras manifestações da cultura Hip-Hop no Brasil emergem a partir da dança, mais especificamente o *Break*. Este processo foi mais visível em São Paulo, a partir da mobilização de dançarinos/as organizada pelo pernambucano Nelson Triunfo, principalmente na estação de metrô São Bento (Rocha; Domenich; Casseano, 2001; Silva, 2012).

O Rio de Janeiro também se tornou um espaço geográfico de disseminação da cultura Hip-Hop, porém, diferentemente da característica dos encontros de dançarinos/as de *Break* nas ruas paulistanas, a característica carioca foi de organização de grandes bailes em clubes de bairros periféricos da cidade, embalados pelo som dos DJs. Nestes espaços não predominavam os/as dançarinos/as virtuosos de *Break* e sim as movimentações em grandes blocos de pessoas que executavam sequências de passos em sincronia, criando o que veio a ser denominado como “baile charme”. O Baile da Pesada, que surgiu na década de 1970 no Rio de Janeiro, é um exemplo disso e chegou a colocar mais de 10 mil pessoas em um evento, onde seus organizadores assumiam uma postura militante ao defender o orgulho negro¹⁰ por meio de *slides*, posters, faixas e filmes (Herschmann, 2005, p. 23).

Outra onda importante, que contribuiu para a popularização da cultura Hip-Hop, foi a popularização do *Break* nas mídias televisivas, processo iniciado nos anos 1980 por meio de Michael Jackson, com o clipe da música *Thriller*, e de filmes como *Beat Street*, produzido por Sidney Potier, e que tinha como plano de fundo a disputa de dois grupos de *Break*: a *New York City Breakers* e a *Rock Steady Crew*.

10 “Passado esse modismo, a Zona Sul voltou a namorar o emergente rock nacional (o chamado “BR rock dos anos 80) em seus mais variados estilos, e a Zona Norte permanece fiel à música negra norte-americana, numa batida muito semelhante ao que se conhece hoje como charme” (HERSCHMANN, 2005, p. 24).

Cabe destacar que, embora a maior parte dos estudos se detenha nos acontecimentos do eixo Rio-São Paulo, há disseminação dessa cultura por todo o território nacional. Em Pernambuco, local de nossa inserção, temos Recife como cenário dessas manifestações oitentistas da cultura Hip-Hop. Nos anos 1980, foram realizados os primeiros encontros dos grupos de *Break* de várias localidades da cidade, ocupando espaços públicos como o Parque 13 de Maio, o Camelódromo e o Rodão do Pina. A partir desses encontros, o Hip-Hop pernambucano foi se desenvolvendo e ampliando suas intervenções para outros elementos da cultura (Barreto, 2004; Silva, 2012).

Nas décadas seguintes, os anos 1990 e os anos 2000, com a ascensão do Rap Nacional, capitaneado pelo grupo paulista Racionais MCs, a cultura Hip-Hop extrapola os limites periféricos e ganha o Brasil, impulsionada pelos efeitos da globalização, que atingiu o seu ápice com o surgimento e a popularização da *internet*. Nesse processo, o Rap torna-se a expressão mais popular do Hip-Hop pernambucano com grupos como o Sistema X e Faces do Subúrbio ganhando espaço, inclusive este último alcançando visibilidade nacional.

Um fruto da cultura Hip-Hop gerado em Pernambuco que merece destaque é o artista Chico Science¹¹, que era *b.boy*, e, juntamente com Jorge Du Peixe, deu início ao movimento cultural *Mangue Beat*¹². Juntos, fundaram o grupo musical Chico Science & Nação Zumbi, que consistiu na elaboração de uma sonoridade híbrida, trazendo elementos da cultura pernambucana, como o Coco e o Maracatu, e mesclando com gêneros musicais, como o Reggae, o Ska, o Punk, o Rock e o Rap. É forte a presença do Hip-Hop na sonoridade e no discurso contestador da ordem social presente nas letras do grupo, utilizando *samples* e *scratches* para o desenvolvimento das músicas em conjunto com guitarras agressivas e alfaias (Vargas, 2015).

11 "Década essa quando também ganharia popularidade o *Mangue Beat*, movimento liderado por Chico Science e Jorge Du Peixe, ambos *b.boys* do grupo Legião Hip-Hop da cidade de Olinda" (SILVA, 2012, p. 25).

12 "O manguebeat buscou incrementar o cenário musical recifense com o que existia de mais contemporâneo na música pop internacional, sem deixar de lado as fortes tradições musicais da região. Os jovens músicos propuseram criar um novo estado de ânimo musical na cidade. As ferramentas usadas foram o próprio trabalho de divulgação, a rica tradição regional, o rock, o rap, a música eletrônica e as possibilidades da cultura digital e os procedimentos experimentais de seleção e mistura" (VARGAS, 2015, p. 60).

Ao final deste rápido voo pela história da arte que tematiza nosso estudo, cabe destacar um ponto paradoxal: a ascensão do Rap, em âmbito nacional e mundial, revela um processo de insurgência de uma poesia negra, que coloca em cena, com base na palavra, as dores e a beleza da diáspora africana. Por outro lado, a primazia do Rap nesse processo de globalização também nos fala de um lugar de poder da racionalidade e da oralidade, em relação a outras formas de manifestação artística.

Em síntese, podemos dizer que as pesquisas apontam que a dança é um elemento da cultura Hip-Hop que se presentifica nos seus primeiros momentos de chegada ao Brasil. Isto se evidencia em diferentes acontecimentos, seja no *Break* das quebradas paulistanas, na reconfiguração carioca do Baile Charme ou pelo consumo da estética dançante mundialmente difundida por Michael Jackson. Das batalhas de *Break*, que são ponto de partida do trabalho de Bambaataa, ao passado de *b.boy* de Chico Science, a dança se faz presente, mas nem sempre de forma tão evidente.

Assim, ao trazermos a tematização das Danças Urbanas para o campo da Educação Física, entendemos que estamos contribuindo para uma perspectiva de currículo onde palavra e gestos são expressões igualmente potentes de corpos-cidadãos que pensam-dançam-dialogam.

4 Danças Urbanas na Educação Física Escolar

Ao tratarmos do recorte das Danças Urbanas na Educação Física, os trabalhos selecionados foram organizados em temáticas de estudo, sem buscar uma quantificação no âmbito estatístico, mas, sim, realizar inferências com base em um viés qualitativo, desenvolvendo novas sínteses no trato com o conhecimento estudado. Tomando por base a leitura das produções, fizemos aproximações com o objeto de nossa investigação e, ao final, desenvolvemos argumentos para refletir sobre possibilidades relacionadas à inserção das Danças Urbanas como conteúdo das aulas de Educação Física escolar. As temáticas encontradas na leitura das produções

geraram os seguintes campos de reflexão: Formação Profissional x Formação Experiencial (Valderramas, 2008; Valderramas; Hunger, 2009); Uma outra Estética (Alves, 2007; Correia; Silva; Ferreira, 2017); Corporeidade (Cardoso *et al.*, 2011); Exercício Físico e Saúde (Tomio *et al.*, 2014) e Prática Pedagógica (Souza, 2010).

Os trabalhos de Valderramas (2008) e Valderramas e Hunger (2009) possuem o mesmo enfoque relacionado à Formação Profissional. Na sua dissertação de mestrado, que posteriormente se transformou em um artigo publicado na Revista Motriz, Caroline Valderramas buscou analisar a formação e os saberes dos/as professores/as de *Street Dance*¹³ do Estado de São Paulo (Valderramas, 2008). O objetivo da pesquisa consistiu em analisar quais eram os saberes relevantes para o ensino do *Street Dance* na visão dos 10 professores/as selecionados/as para a pesquisa, sendo eles: 3 formados em Educação Física, 1 com a graduação em Educação Física em andamento e 6 sem formação acadêmica.

No Brasil, as danças de uma forma geral são ensinadas por professores/as formados/as em Educação Física ou Dança, bem como por dançarinos/bailarinos/as que se tornaram professores/as. Para entender melhor essa realidade, Valderramas (2008) trouxe os dados da literatura específica da área de Dança, destacando que a primeira graduação em Dança no Brasil foi instituída em 1946. No entanto, a Dança como campo de formação profissional foi reconhecida pelo Ministério da Educação somente em 1971, com a regulamentação dos currículos mínimos dos cursos de nível superior da área. Na Educação Física, por ser uma expressão do movimento humano, a Dança já estava presente como um saber a ser sistematizado. Independente da área, a Dança é um elemento de intervenção por parte dos dois campos formativos (Marques, 2003; Strazzacappa, 2001; Brasileiro, 2003).

Considerando esses argumentos, Valderramas (2008) recorre aos conceitos de Maurice Tardif em relação aos saberes, pois existe uma diferença entre a formação profissional (acadêmica) e a formação experiencial, onde o saber-fazer é valorizado. O ensi-

¹³ Cabe destacar que essa nomenclatura era usual no momento histórico na qual as produções estão situadas. Atualmente, o termo Danças Urbanas possui maior destaque.

no do *Street Dance* está situado dentro desta segunda dimensão, onde os sujeitos que fazem parte desta cultura passam a atuar como professores/as¹⁴ a partir de um processo de formação experiential, mediado por um histórico de socialização de saberes e técnicas que são trocados entre pares e mestres que não possuem necessariamente formação acadêmica.

As entrevistas com os/as professores/as evidenciaram que o processo de aprendizagem dos estilos do *Street Dance* encaixa-se dentro da formação experiential, tendo a *internet*, o treino individual ou com amigos/as e os *workshops* como as fontes de aprendizado. Mesmo para os/as professores/as que possuem curso superior, os únicos elementos diferenciais que destacam ao analisarem suas formações são os conhecimentos relacionados ao campo da didática.

Com isto, os trabalhos nos mostram que existem lacunas a serem exploradas e estudadas, já que nem mesmo os/as docentes que passam pela graduação tecem relações mais densas entre seus fazeres e saberes e seus processos de formação acadêmica. De acordo com Valderramas e Hunger (2009), os campos de formação profissional da Dança e da Educação Física precisam aproximar-se do universo do *Street Dance* “[...] para um melhor aprendizado e entendimento de como trabalhar esses conteúdos no ensino da dança” (Valderramas; Hunger, 2009, p. 525).

Avançando para o outro eixo temático, que diz respeito à discussão sobre a Estética, começamos por destacar o trabalho de Alves (2007) em relação à potencialidade dessas danças de reconstruírem a realidade dos seus praticantes com base na análise da experiência estética, pois, segundo Alves (2007, p. 25):

É este o trunfo da experiência estética: ser possibilidade de expressão autêntica, em meio às demandas do discurso hegemônico, em vigor no âmbito social. Pela arte é pos-

14 “Tardif (2004) corrobora essa visão ao definir o professor como aquele que sabe algo a ser transmitido aos outros. Sendo assim, os que ensinam *Street Dance* assumem a função de professores, uma vez que possuem um saber que pode ser transmitido a outros, num momento específico” (VALDERRAMAS, 2008, p. 66).

sível ser de outra maneira, não como fuga da realidade, mas como ação pessoal de re-construção desta realidade a partir do olhar de si.

Nesse sentido, as Danças Urbanas situam-se dentro de uma estética que transgride o que está posto como prática hegemônica, trazendo novas possibilidades de movimentar-se que dialogam com histórias de corpos marginalizados, desalinhados, que resistem aos processos coloniais e se insurgem a partir de formas distintas de ocupar espaços e desenhar gestos.

Para compreender como esses elementos se expressam dentro do movimento, Alves (2007), com base em Rudolf Laban, aponta que a análise do movimento corporal pode ser feita de acordo com as categorias corpo, espaço e fatores de movimento (força/peso; espaço/foco; tempo e fluência), percebendo as emoções e as atitudes produzidas no ato de dançar, pois “[...] por esta análise, podemos verificar o grau de organização das frases do movimento, os níveis de tensão na postura e o uso do espaço em volta do corpo” (Alves, 2007, p. 26).

O estudo possui uma contribuição importante a ser considerada para o trato com o conhecimento da Dança nas aulas de Educação Física escolar ao trazer a perspectiva Labaniana. Esta análise nos permite pensar, por exemplo, na potência e no significado dos movimentos rasteiros, contorcidos e invertidos presentes nas Danças Urbanas, que rompem com o ideal de ascensão das estéticas das danças europeias que nos colonizaram. Da mesma forma, cabe destacar os usos do espaço, os desenhos sinuosos do corpo, que jogam com as mudanças de fluxo e colocam em cena outras ideias de beleza.

Outra questão significativa apresentada por Alves (2007), e que se apresenta regularmente nos estilos de dança destacados em seu artigo (*Break, Popping, Locking*), é a marcante presença do *freestyle*¹⁵ dentro dos processos de disputa artística entre dançarinos/as (bata-

¹⁵ “O *free style* é a arte performática do breaker. Pelo *free style* a atuação ganha qualidade cênica e subjetiva. O corpo veste um personagem que atua num limiar entre a mera representação e o drama real do atuante. A expressão *free style* é também conhecida como ‘charme’ ou ‘ginga estilosa’” (ALVES, 2007, p. 25, grifo do autor).

Iha/racha) onde o repertório técnico, relacionado a sua musicalidade, expressa esse sentimento advindo da experiência estética, tanto de quem executa a dança quanto de quem assiste.

Outro trabalho localizado dentro da temática Estética é o artigo de Correia, Silva e Ferreira (2017), intitulado: "Do racha na rua à batalha no palco: cena das Danças Urbanas". Assim como no estudo de Alves (2007), o artigo chama a atenção para o fato de os/as dançarinos/as atuarem ora em consonância, ora em dissonância com as culturas dominantes.

Correia, Silva e Ferreira (2017) apontam para o que consideram um processo de descolamento da dança de rua do movimento Hip-Hop para o cenário da dança institucionalizada, com o advento dos grandes eventos patrocinados por marcas internacionais. Olhando especificamente para os elementos estéticos, os autores analisam que a dança dos *b.boys* se ressignifica nessa descolagem. Nota-se que há relação entre eventos comerciais e a espetacularização acrobática e o tecnicismo, enquanto nos eventos menores observa-se com mais intensidade a autoria dos/as jovens dançarinos/as, não só nas danças que apresentam como também no processo de organização dos encontros, mais próximos ao que seria o espírito da rua.

Por outro lado, os autores perceberam ainda que "[...] em determinados momentos estas polarizações se embaracam e desfazem estas relações" (Correia; Silva; Ferreira, 2017, p. 229), observando as brechas ocasionais que estes artistas esgarçam, mesmo em eventos do circuito comercial, e com base nelas trazem de forma mais livre os elementos característicos dos desafios das ruas, como o improviso, o jogo e a provocação.

Assim, analisando esses estudos de Alves (2007) e de Correia, Silva e Ferreira (2017), entendemos que a presença do *freestyle* e de outros momentos de protagonismo dos/as dançarinos/as expressam o aspecto criativo e resistente das danças oriundas da cultura Hip-Hop.

No âmbito do eixo temático da Corporeidade, a produção analisada (Cardoso *et al.*, 2011) apontou para a discussão relacionada com as percepções dos/as dançarinos/as desses estilos em relação às questões voltadas à sexualidade no Axé e no Hip-Hop. São destacadas similaridades destes objetos de estudo como fruto dos processos de desenvolvimento de culturas que se desenvolvem com base em marcas como raça e classe social. Ambos os segmentos (Axé e Hip-Hop) surgem em contextos periféricos e com fortes raízes na cultura negra, sendo que a primeira surge em Salvador e a segunda nos guetos nova-iorquinos nos Estados Unidos da América (Cardoso *et al.*, 2011).

Cardoso *et al.*, (2011) destacam que, devido à presença majoritariamente masculina dentro da cultura Hip-Hop, as suas danças acabam tornando-se expressões e reforço do culto à masculinidade¹⁶. Os autores entendem que as próprias mulheres acabam por assimilar quando “[...] a plasticidade física e as roupas utilizadas pela mulher ao dançar são semelhantes às dos homens” (Cardoso *et al.*, 2011, p. 668).

Cabe aqui destacar que este estudo não se detém a aprofundar a discussão a respeito do que vem a ser esta ideia de “masculinidade”, mas é possível inferir que estejam se referindo à ideia de masculinidade hegemônica, que já tem sido revisitada por vários estudos¹⁷. Da mesma forma, não temos no estudo um aprofundamento da discussão do que seria a plasticidade ‘feminina’, já que a passagem acima dá a entender que a compreensão dos autores é a de que existe uma forma ‘em si’ masculina, à qual as mulheres estariam se moldando.

De todo modo, o estudo revela que nesse debate existe a possibilidade de se construir reflexões em relação à corporeidade e às questões a respeito da sexualidade e de gênero por meio

16 Neste sentido, a prática do Hip-Hop e do Axé parece masculinizar ligeiramente a identidade de gênero das mulheres praticantes e, de forma inesperada, também masculiniza a identidade de gênero dos próprios homens (CARDOSO *et al.*, 2011, p. 669).

17 Cabe destacar que esse conceito tem sido revisitado por estudiosos da temática, como é o caso do texto de Connell e Messerschmid (2013), que colocam em perspectiva relacional as ideias de masculinidades dominantes e subordinadas.

do trato com as Danças Urbanas; este seria um espaço para a Educação Física colocar em discussão os signos, os papéis que homens e mulheres desempenham dentro das mesmas e o próprio conceito de identidade.

Na dimensão do Exercício Físico e Saúde, o trabalho de Tomio *et al.* (2014) destaca que a obesidade¹⁸ infanto-juvenil é um dos mais graves problemas de saúde. Apontando que para reverter esse quadro os exercícios aeróbicos oferecem benefícios para crianças e adolescentes, diminuindo os riscos de obesidade mórbida e a mortalidade por doenças derivadas deste problema.

Tomio *et al.* (2014) destacam que para essa faixa etária os exercícios devem ter objetivos claros, passíveis de serem alcançados e não podem ser entediantes, pois a taxa de desistência das atividades por parte das crianças e jovens tem sido alta. Defendem, então, que a Dança promove um esforço similar ao de outros exercícios aeróbicos, e que, em particular, as danças do Hip-Hop, por serem populares entre os/as jovens, seriam uma escolha viável, visando a reduzir as barreiras para o engajamento dos/as mesmos/as em uma prática de atividade física sistematizada, sem perder a essência do lúdico. Para defender esta possibilidade, os autores realizaram uma revisão sistemática de estudos que tratam a questão da utilização das danças do Hip-Hop como possibilidade de combate à obesidade.

A discussão nos remete a refletir sobre a escolha das Danças Urbanas nos programas de exercício físico partindo de uma perspectiva meramente utilitária, “[...] como estímulo a um estilo de vida ativo, à aquisição de hábitos alimentares mais saudáveis e a um melhor conhecimento sobre as emoções” (Prado; Silva, 2012, p. 167).

Fica evidente na discussão proposta pela pesquisa apresentada por Prado e Silva (2012) uma perspectiva que comprehende a saúde dos indivíduos apenas na dimensão da ausência/comba-

18 “Obesidade é definida como a acumulação de gordura corporal de maneira anormal ou excessiva, representando risco à saúde. Neste contexto, a obesidade e o sobrepeso têm sido reconhecidos como um sério problema de saúde e um assunto de impacto mundial. Por causa disso, é necessário o desenvolvimento de pesquisas em várias amplitudes da obesidade” (TOMIO *et al.*, 2014, p. 682).

te de doenças, como a obesidade e o sedentarismo, reduzindo as práticas corporais para meros instrumentos de controle e adaptação aos padrões de saúde, mesmo no ambiente escolar.

Entendemos que, ao tratar das Danças Urbanas como um meio de promoção da saúde, demanda-se um aprofundamento em relação aos aspectos fisiológicos (e nos demais campos da Saúde), mas sem desconsiderar os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais que perpassam as relações das crianças e dos/as jovens com hábitos sedentários e com a obesidade.

Por fim, dentro da dimensão da Prática Pedagógica, a produção que analisamos realizou uma investigação sobre o universo da cultura Hip-Hop, expondo o seu desenvolvimento histórico e incluindo seu surgimento no Brasil. Souza (2010) demonstrou uma preocupação de estreitar pontes desse fenômeno cultural com a área da Educação. Aponta que esta possibilidade de incluir a cultura Hip-Hop ganha força com os estudos de Vargas (2015) e nos documentos curriculares do Estado do Paraná e de São Paulo, nos anos 2006 e 2008, respectivamente, ao tratar este conteúdo relevante para as aulas de Educação Física escolar no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio.

O estudo apresenta uma pesquisa de campo, com aplicação de questionários com professores/as da rede estadual de São Paulo. Na análise dos questionários, Vargas (2015) identificou que a maioria dos/as professores/as não tematizam o Hip-Hop nas suas aulas, mas reconhece que os/as mesmos/as ressaltam a importância de tratar aspectos das culturas nas quais os/as estudantes estão inseridos.

Frente a esses debates, apontamos que as produções analisadas oferecem algumas perspectivas em relação às possibilidades de aproximação entre a Educação Física Escolar e as Danças Urbanas, sob diferentes contextos. Porém, as mesmas evidenciam limites no âmbito da produção do conhecimento em Educação

Física, pois mesmo considerando a efetiva presença dos elementos da cultura Hip-Hop no universo das juventudes brasileiras desde os anos de 1980, o fenômeno tem sido pouco estudado pela área, questão abordada em pesquisas anteriores (Beija, 2015; 2017).

5 Considerações Finais

Reconhecemos que nossa discussão traz novas reflexões para o debate científico no campo da Educação Física escolar, considerando o lugar do conhecimento Dança como tema da cultura corporal, em especial, torna-se relevante compreender o sentido das Danças Urbanas como conteúdo relacionado às manifestações contemporâneas das culturas juvenis que se materializam no cotidiano das ruas; porém, não têm sido tematizadas no “chão da escola”.

O atual cenário não revela apenas um distanciamento de um conteúdo contemporâneo na organização dos saberes curriculares por parte dos professores da área, como também expressa os antigos problemas que regem o trato com o conhecimento Dança na Formação Inicial e na Formação Continuada, onde a dicotomia teoria-prática continua prevalecendo na realidade das aulas de Educação Física escolar.

Esta busca pela compreensão dessa realidade, primeiramente, exigiu uma exploração do campo teórico em relação às Danças Urbanas e sua historicidade, que se insere nos processos de lutas sociais por direitos civis da comunidade afro-americana nos EUA. Particularmente, interessa à Educação Física o fato de que essas danças se materializam em corpos que resistem e se recriam esteticamente, a partir da experiência afro-diaspórica neste mesmo país, gerando a cultura Hip-Hop.

Posteriormente, nos dedicamos a analisar a produção do conhecimento da Educação Física com o tema Danças Urbanas, a fim de compreendermos as possíveis aproximações deste conhecimento do mundo da escola. Identificamos que a área possui uma tímida aproximação com as Danças Urbanas, discutindo a mesma

por meio de debates que envolvem desde a Formação Inicial até a Prática Pedagógica, apontando para a necessidade de em futuros estudos discutirmos se esse movimento da área já se expressa no campo de intervenção da Educação Física escolar.

Diante dos dados encontrados, compreendemos que a Educação Física precisa ir além das reformulações das propostas curriculares, rediscutindo a Formação Inicial para tratar com solidez teórico-prática os conteúdos clássicos e contemporâneos que emergem por meio do cotidiano das juventudes, com a escola abrindo os seus muros e considerando a realidade concreta desse cotidiano como uma fonte de seleção de saberes que alicerçam o trabalho pedagógico, “[...] tornando-se mais permeável ao contexto social e suas influências” (Dayrell, 2007, p. 1115).

Acreditamos que pensar o cotidiano e a cultura juvenil dentro do “chão da escola” significa a materialização de pontes entre a realidade das juventudes e os saberes científicos, situando a escola como um espaço que se integre com o movimento real, contribuindo para a superação de preconceitos que envolvem as produções culturais juvenis e construindo alicerces sistematizados, possibilitando aos jovens compreenderem suas próprias produções por meio de um olhar acadêmico.

Referências

ALVES, F. S. A Dança Break: uma análise dos fatores componentes do esforço no duplo movimento de ver e sentir. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 1, p. 24-32, 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/577>. Acesso em: 22 nov. 2023.

AMARAL, M. O Rap, o Hip-Hop e o Funk: A “eróptica” da arte juvenil invade a cena das escolas públicas nas metrópoles brasileiras. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 563-620, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/wYg4bJLTFf5vMmVsG5vjzQD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2023.

ÁVILA, A. B.; OLIVEIRA, P. D. L; PEREIRA, L. G. Hip-hop e cultura: revelando algumas ambiguidades. In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (org.). **Práticas Corporais:** experiências em Educação Física para a outra Formação Humana. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2005. p. 47-67.

BARRETO, S. G. P. **Hip-Hop na Região Metropolitana do Recife:** identificação, expressão cultural e visibilidade. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10016>. Acesso: 22 nov. 2023.

BEIJA, J. V. C. **A (In) Visibilidade da Dança de Rua na produção do conhecimento em Educação Física em periódicos digitalizados.** 2015. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <http://ww2.bc.ufrpe.br:8080/pergamumweb/vinculos/00000d/00000df3.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2023.

BEIJA, J. V. C. **Danças Urbanas na Educação Física: encontros (in)visíveis.** 2017. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Física Escolar) – Escola Superior de Educação Física, Universidade de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1mx6swlw94rwuLhvJ2062IXYFiDXJ-mUX/view?usp=sharing>. Acesso em: 4 mar. 2023.

BEIJA, J. V. C. **Danças urbanas nas aulas de Educação Física Escolar:** entre a cultura juvenil e o cotidiano escolar. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://www.ethnosesef.upe.br/imagens/dissertacoesteses/VERSAO-FINAL-DISSERTACAO-DE-MESTRADO-JOAO-VICTOR-BEIJA-2020.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2023.

BRASILEIRO, L. T. O conteúdo “Dança” em aulas de Educação Física: Temos o que ensinar? **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 1, n. 6, p. 45-58, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/56>. Acesso em: 22 nov. 2023.

CARDOSO, F. L. et al. Corporeidade e sexualidade em dançarinos de rua: axé e hip-hop. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 663-672, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/RbyHcqTNLVdf9JGdCTDSwNB/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

CAZÉ, C. M. de J. O.; OLIVEIRA, A. da S. Hip-Hop: Cultura, Arte e Movimento no espaço da sociedade contemporânea. In: ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 4., 2008, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2008. p. 1-13. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/eneicult2008/14300.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

CORREIA, A. M.; SILVA, C. A. F.; FERREIRA, N. T. Do racha na rua à batalha no palco: cenas das danças urbanas. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 29, n. 50, p. 213-231, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n50p213>. Acesso em: 22 nov. 2023.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso: 22 nov. 2023.

DAYRELL, J. **A música entra em cena**: O Rap e o Funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. 2001. 409 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001209777>. Acesso: 4 mar. 2023.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2023.

GARCIA, A. F. **O Rap entre mestiçagens e negritudes:** música e identidade no Brasil e em Cuba (1988-2005). 2014. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/jspui/handle/10482/17855>. Acesso em: 22 nov. 2019.

GUSTSACK, F. **Hip-Hop:** educabilidades e traços culturais em movimento. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/6454>. Acesso em: 20 nov. 2019.

HERSCHMANN, M. **O funk e o hip-hop invadem a cena.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

MAGRO, V. M. M. Adolescentes como autores de si-próprios: Cotidiano, Educação e o Hip-Hop. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 22, n. 57, p. 63-75, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/ZkVgvrHCqkbKKRTBfmTTYPc/?lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2019.

MARQUES, I. **Dançando na Escola.** São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

MATSUNAGA, P. S. **Mulheres no Hip-Hop:** identidades e representações. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/365613>. Acesso em: 18 nov. 2019.

NETTO, J. P.; BRAZ, M. **Economia Política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2006.

PIRES, R. A. Movimento Hip-Hop: Cultura de transformação e integração. **Revista Educação**, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 83-90, 2009. Disponível em: <https://revistas.ung.br/educacao/article/view/466>. Acesso em: 22 nov. 2023.

PRADO, W. L. do; SILVA, H. J. G. da. Exercício Físico no Tratamento da Obesidade. In: CATTUZZO, Maria Teresa; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira (org.). **Fazer e pensar ciência em Educação Física – Livro I**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 30-41.

RECKZIEGEL, A. C. C.; STIGGER, M. P. Dança de Rua: opção pela dignidade e compromisso social. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 59-73, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2868>. Acesso em: 18 nov. 2019.

ROCHA, J., DOMENICH, M.; CASSEANO, P. **O Hip-Hop - A periferia grita**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

SACRISTÁN, J. G. **O Currículo**: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2012.

SILVA, P. R. **Break em Recife**: hierarquias e sociabilidades. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/790634519/arquivo9613-1>. Acesso em: 18 nov. 2019.

SOUZA, I. C. **Hip-Hop e Educação Física escolar**: possibilidade de novas tematizações. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade São

Judas Tadeu, São Paulo, 2010. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=197023. Acesso em: 17 nov. 2019.

SOUZA JÚNIOR, M. **A constituição dos saberes escolares na educação básica.** 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: <https://www.ethnosesef.upe.br/images/dissertacoeseses/Tese-Marcilio-Souza-Junior.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.

STRAZZACAPPA, M. A Educação e a Fábrica de Corpos: a dança na escola. Caderno Cedes, Campinas, SP, v. XXI, n. 53, p. 69-83, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jG6yTFZZPTB63fMDKbsmKKv/?lang=pt>. Acesso em: 17 nov. 2019.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

TITTON, M. **Organização do trabalho pedagógico na formação de professores do MST:** realidades e possibilidades. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <https://mst.org.br/download/mestrado-organizacao-do-trabalho-pedagogico-na-formacao-de-professores-do-mst-realidade-e-possibilidades/>. Acesso em: 22 nov. 2019.

TOMIO, T. et al. Benefícios da dança Hip-Hop para crianças e adolescentes obesos: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Florianópolis, v. 19, n. 6, p. 679-689, 2014. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-333>. Acesso em: 20 nov. 2019.

VALDERRAMAS, C. G. M. **Professores de Street Dance do estado de São Paulo:** formação, saberes e ensino. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/96050>. Acesso em: 18 nov. 2019.

VALDERRAMAS, C. G. M.; HUNGER, D. A. C. F. Professores de Street Dance do estado de São Paulo: formação e saberes. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 515-526, 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/2708>. Acesso em: 19 nov. 2019.

VARGAS, H. Manguetown: a cidade de Recife nas canções de Chico Science & Nação Zumbi. **Revista Comunicação & Inovação**, Manaus, v. 16, n. 32, p. 59-72, 2015. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0458-1.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2019.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.